



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**LUÍZ ANTÔNIO VENKER DE MENEZES
(Mano Menezes)**

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E- 378

Entrevistado/a: Luíz Antônio Venker de Menezes (MANO MENEZES)

Nascimento: 11/06/1962

Local da entrevista: residência do entrevistado, Capão da Canoa - RS

Entrevistador/a: Christiane Macedo

Data da entrevista: 20/12/2013

Transcrição: Wilian Antiqueira Da Luz

Copidesque: Christiane Macedo e Ivone Job

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 38 minutos e 50 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

A inserção no esporte; A influência familiar; O início no Guarani de Venâncio Aires; A primeira oportunidade como técnico profissional; A escolha entre a profissão e o sonho; A trajetória do Guarani à Seleção Brasileira de Futebol; A situação do futebol no Estado do RS; O convite da CBF para treinar a Seleção; Os Jogos Olímpicos de Londres; A repercussão e a experiência Olímpica; A repercussão de sua trajetória na cidade natal.

Porto Alegre, 20 de dezembro de 2013. Entrevista com Mano Menezes a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Como foi a sua inserção no esporte e como chegou a ser treinador?

M.M – Primeiro, quero dizer que para mim é um prazer participar do projeto. Entendo que mesmo tendo uma participação diferenciada, que particularmente me levou aos principais clubes do país como treinador de futebol como técnico e até a Seleção Brasileira¹, para mim é um compromisso compartilhar isso com as pessoas e repassar o conhecimento que adquiri durante esta trajetória e ainda vou continuar adquirindo. Acho que deve ser assim, sempre que se tiver a oportunidade de compartilhar aquilo que se aprendeu e que engrandece o esporte e, como a gente sabe tanto na vida inteira... Tenho gosto pelo futebol desde a minha família, desde a minha casa. Meu pai era presidente de um clube de várzea e a gente sempre esteve envolvido com o futebol. Isso desenvolveu uma paixão que mesmo tendo me direcionado ao profissionalismo, vejo que a parte mais importante para trabalhar no futebol é cultivar e manter essa paixão. Você vai passar por momentos gloriosos, vai passar por momentos difíceis e o que mantém a persistência capaz de te levar a alguma coisa maior, uma realização profissional pessoal, é essa paixão interna. A partir do momento que ela deixar de existir, deixa de existir a razão principal de estar aqui. Depois disso eu joguei profissionalmente no interior do Rio Grande do Sul, zagueiro no Guarani² de Venâncio Aires. Tive uma trajetória curta, porque na época em que eu tinha idade para ser um jogador profissional de futebol, o nosso futebol no interior era bastante deficitário financeiramente. As condições que se ofereciam para os atletas eram muito aquém das que se tem hoje. E chegou um momento da minha vida em que eu tive que optar. Vi que me comparando tecnicamente com outros jogadores, talvez não tivesse toda aquela condição de me realizar profissionalmente, então fiz uma opção, deixei de jogar futebol, fui seguir uma carreira profissional no SESI³, que era onde eu já trabalhava. Eu era técnico em lazer do SESI do Rio Grande do Sul. Fui durante nove anos e tinha entre as atribuições, organizar competições esportivas para os funcionários das indústrias do Rio Grande do Sul. Então, até por já ter tomado, adquirido outras responsabilidades, ser casado e já ter a

¹ Seleção Brasileira de Futebol Masculino.

² Guarani Futebol Clube.

Camila,⁴ minha filha, botei na balança as responsabilidades e as possibilidades dentro da carreira. Mas, mesmo sendo técnico em lazer do SESI, aquela questão do futebol, aquela paixão continuava viva lá dentro do Mano Menezes. Então eu fui cursar a faculdade de Educação Física. Sempre tive esse entendimento, que nem todo mundo poderia ser jogador profissional de futebol, mas o campo era muito amplo, era muito grande para você poder trabalhar, se você tinha aquela paixão interna para trabalhar no futebol. E depois de um tempo, eu fui convidado para ser técnico dos juniores do Guarani de Venâncio Aires, isso deve ter sido em 1992. O Guarani já tinha subido para primeira divisão e todos os clubes tinham a obrigação de formar uma das duas categorias para disputar o campeonato, ou de juniores que era o sub-20, ou de juvenil, que era o sub-17. O Guarani optou por fazer um sub-20. Mas, com aquela ideia só de obrigação mesmo no primeiro momento eu aceitei iniciar por essa função. As condições eram muito precárias, tinham duas bolas somente. O técnico tinha que ser técnico e preparador físico, era quem buscava o material esportivo na lavanderia do clube e o levava para o treinamento e depois levava de volta para a lavanderia. Eram condições que exigiam muito do profissional e foi o primeiro confronto que tive com a ideia de, ou você continua, ou você desiste em cima das dificuldades. E eu optei por não desistir, por ser persistente. Então fui ao comércio local conseguir mais bolas, fui melhorando as condições, muito além da minha função de técnico, porque eu queria fazer alguma coisa melhor, pois sabia que o caminho para fazer alguma coisa melhor era persistir, e fiquei nessa função até 1996. O Guarani conseguiu se colocar nos últimos quatro anos desse trabalho, sempre entre os quatro melhores do Rio Grande do Sul, da categoria sub-20, considerando a dupla Grenal⁵ e a dupla Caju⁶. O Juventude tinha um investimento altíssimo porque tinha a parceria com a Parmalat⁷, o Caxias já era um clube de porte muito maior, tínhamos o Brasil⁸ e o Pelotas⁹, então o Guarani se inseriu nesse meio como uma confirmação de que valia a pena insistir no trabalho, organizar o trabalho com a linha que a gente escolheu. Em 1996, o time profissional do Guarani caiu para a série B do campeonato gaúcho, e eu recebi o primeiro convite para dirigir a equipe principal. Foi a decisão mais difícil da minha vida, porque até ali, eu era técnico do sub-20,

³ Serviço Social da Indústria.

⁴ Camila Menezes Conter.

⁵ Jogo tradicional entre Grêmio Football Porto-alegrense e Sport Club Internacional.

⁶ Jogo tradicional entre Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul e Esporte Clube Juventude.

⁷ Empresa ligada a laticínios.

⁸ Grêmio Esportivo Brasil.

⁹ Esporte Clube Pelotas.

mas tinha outra atividade profissional de remuneração muito mais segura, que era no SESI como técnico em lazer. A partir daquele momento, eu não poderia mais ter atividade paralela, eu teria que tomar a decisão de ser técnico profissional de futebol ou não. Logicamente foram noites sem dormir, para pesar novamente as responsabilidades com a família, mas pesou de novo principalmente aquela paixão interna. Não podia não ir, se a minha vida inteira eu sonhei em vencer no futebol e o caminho estava se abrindo para mim, um novo degrau, em um degrau mais alto, eu precisava aceitar. E realmente aceitei e desde então, outubro de 1996, eu sou técnico profissional de futebol. Do Guarani eu fui para o Juventude de Caxias, durante uma temporada e meia, ainda no sub-20, porque comecei a enxergar no Juventude, com aquela parceria, um crescimento, mesmo permanecendo na categoria em crescimento. Depois disso eu fui para o Internacional¹⁰ de Porto Alegre, também dentro desta visão de que é um clube de dimensões muito maiores, com projeto bem estabelecido, com coordenação técnica e tudo, capaz de me transformar em um profissional melhor em termos de preparação. Fiquei dois anos no Internacional em que eu dirigi a categoria sub-17 no primeiro ano, e sub-20 no segundo. Depois voltei ao Guarani de Venâncio Aires em 2002, para ser campeão gaúcho, sem os grandes¹¹ que na época tinham as ligas, então havia os campeonatos sem os principais clubes dentro do Estado. No segundo semestre de 2002 fui para o Brasil de Pelotas disputar a Série C brasileira; em 2003 fui para o Iraty¹² do Paraná, pela primeira vez saindo do Estado, voltei no final do ano para assumir o trabalho no 15 de Novembro¹³ de Campo Bom, porque a gente já iniciava no finalzinho do ano, para planejar para o ano seguinte. O 15 era um clube muito bem organizado e fiz o meu primeiro trabalho que chamou a atenção nacionalmente, porque o 15 foi terceiro colocado na Copa do Brasil de 2004. Esse trabalho me levou ao Caxias, para jogar a Série B no segundo semestre de 2004. Assumi o Caxias em 22º lugar na série B, tinham 24 clubes na época terminamos em nono, faltou um ponto para entrar entre os oito e fiz o início da temporada seguinte no Caxias, a de 2005. Em 21 de abril de 2005 eu recebi o convite para dirigir o Grêmio. O Grêmio ia iniciar a série B dois dias depois. Treinamos no dia 23 de abril num jogo contra o Gama¹⁴ em Brasília. Então dali para frente, já em um clube de ponta, que é sempre muito difícil, porque você

¹⁰ Sport Club Internacional.

¹¹ Grêmio e Internacional não disputaram essa competição.

¹² Iraty Sport Club.

¹³ Clube 15 de Novembro.

¹⁴ Sociedade Esportiva do Gama.

chegar sem aquela avaliação de que é capaz. Você precisa provar novamente que está preparado para uma coisa maior ainda. E o início foi bastante difícil porque o Grêmio estava atravessando um momento muito difícil e também precisávamos construir uma equipe durante o campeonato, é sempre a pior escolha que você pode fazer por um trabalho, a condução. Da equipe que estreou contra o Gama, no primeiro jogo da Série B, nós só mantivemos um jogador para fase final daquela série e daquele famoso jogo contra o Náutico¹⁵, foi o Anderson¹⁶. Todos os outros dez jogadores nós trocamos, isso dá a dimensão do que foi a construção da equipe, literalmente uma construção durante o campeonato. Veio a conquista da Série B da maneira como aconteceu, de uma maneira extraordinária, inédita que foi contra o Náutico nos Aflitos¹⁷. Depois veio a temporada de 2006 com a conquista do Campeonato Gaúcho, com terceiro lugar no Campeonato Brasileiro, a vaga para Libertadores no ano seguinte, a repetição do Campeonato Gaúcho em 2007 e o vice-campeonato da Libertadores¹⁸. Pensávamos, aí é uma avaliação pessoal de carreira, que era o momento de seguir em frente, e recebi o convite para dirigir o Corinthians¹⁹ na mesma situação, muito parecida com a do Grêmio, na Série B, mas, com uma condição de trabalho muito diferente. Lá a montagem foi feita como a gente acredita que deve ser, com investimento muito maior. O Grêmio na época tinha o investimento de 600 mil reais por mês e o Corinthians tinha o investimento de 3 milhões e 500 mil. Falo isso para colocar as diferenças que os trabalhos tinham como essência e com os termos e as trajetórias diferentes. A trajetória do Corinthians na Série B foi muito tranquila, abriu 20 pontos quase do 5º colocado. Então do Corinthians, da conquista do Campeonato Paulista invicto, da Copa do Brasil e o convite para dirigir a Seleção Brasileira no ano de 2010. Essa é a trajetória para fazer um resumo.

C.M – Onde fez a sua faculdade?

M.M – Eu sou formado na UNISC²⁰, em Santa Cruz do Sul.

¹⁵ Clube Náutico Capibaribe.

¹⁶ Anderson Luís de Abreu Oliveira.

¹⁷ Esse jogo da fase final da série B do Campeonato Brasileiro de Futebol (de homens) de 2005, entre Náutico e Grêmio é conhecido como a Batalha dos Aflitos, pois o Estádio do Náutico, onde ocorreu o jogo, é conhecido como Estádio dos Aflitos.

¹⁸ Copa Libertadores da América.

¹⁹ Sport Clube Corinthians Paulista.

C.M – E qual era o time que você comentou que sua família era envolvida?

M.M – Esporte Clube Rosário.

C.M – Nessa época em que você começou no esporte, como que era a situação do futebol aqui no Estado?

M.M - Os clubes do interior, com raras exceções, tinham condições muito precárias de condução de trabalho. Só pra você ter uma ideia, quando os clubes do interior iam jogar contra a dupla Grenal, você só podia fazer um primeiro tempo em condições de igualdade, o segundo tempo fisicamente caía muito e era superado até com certa facilidade. Então quando um clube do interior jogava contra um clube da dupla Grenal e não tomava uma goleada, ficava feliz. Isso porque, não se tinha uma capacidade de montar uma comissão técnica completa como deveria ser, não tinha um departamento médico, geralmente tinha que usar abnegados colaboradores que iam lá e prestavam serviços dentro do clube, mas não eram remunerados pelo seu trabalho. Era muito mais como uma obrigação do clube fazer alguma coisa, do que realmente montar e planejar um trabalho para poder desempenhar algo do nível do que ocorre hoje. Não tínhamos tanta informação, o conhecimento era mais restrito do que é hoje. Há a globalização e precisa se ter capacidade para discernir o que é bom do que não é. De falta de informação a gente não pode reclamar, porque tem bastante. Naquela época se tinha pouca informação. Eu sempre brincava com alguns jogadores que Porto Alegre era muito longe de Venâncio Aires, 150 km na época, para percorrer era longe, não era porque eles eram maiores, mas as condições de chegar lá eram muito piores. Eu sou da época que não tínhamos asfalto de Venâncio Aires a Porto Alegre, de Venâncio Aires a Santa Maria, por exemplo, então isso dá uma ideia da dificuldade que se tinha em chegar aos locais, para você ter acesso aos locais que hoje temos com facilidade, pela internet e pela globalização.

C.M – Você teve alguma dificuldade em sua carreira por estar aqui, um pouco distante do eixo Rio - São Paulo?

²⁰ Universidade de Santa Cruz do Sul.

M.M – Quando eu cheguei ao clube maior, essa distância já não tinha impacto. O fato de estar no Rio Grande do Sul já não prejudicava mais tanto. Houve um tempo em que isso acontecia e até com discriminação com relação aos clubes quando se enfrentavam. Na minha época quando eu cheguei à ponta de um clube maior, as condições já eram muito parecidas, aí já não tinha tanta dificuldade, lá no início sim, mas depois não.

C.M – Agora um pouco mais detalhadamente, como você chegou à Seleção, foi convite, como foi, quem te chamou?

M.M – Meus jogadores da categoria de base sempre me faziam uma pergunta com muita ansiedade quando entravam no último ano da categoria. iam iniciar na categoria profissional e eles ficavam muito ansiosos porque não sabiam o que iria acontecer no final do ano. Se eles iriam ser promovidos para a equipe principal ou não e como a coisa ia funcionar. Eu me reunia com eles e dizia o seguinte: “Olha, vai depender de uma série de fatores. Primeiro, do desempenho de vocês individualmente, se vocês estiverem bem. E isso está ao alcance de vocês, vamos fazer uma boa temporada, vamos nos preparar bem. Vocês aproveitem o máximo do que nós vamos viver neste ano, para quando chegar no final do ano, vocês estarem preparados para tudo. Mas vai depender do planejamento do clube, do técnico que o clube vai contratar, se gosta mais de jogadores jovens ou se gosta menos. Vai depender dos jogadores da posição, mais carência, menos carência, é assim que funciona. Se tem três centroavantes bons, você não vai colocar um quarto centroavante que é um menino que está subindo, você vai emprestar, ou vai para outro lugar, é assim que funciona”. Para o técnico funciona da mesma maneira. Sempre me perguntava se eu tinha um plano para ser técnico da Seleção, como cheguei lá. Não tem plano para ser técnico, não tive plano para ser técnico da Seleção. Apenas fui me preparando durante essa trajetória para ser o melhor técnico possível e se um dia a seleção entendesse que eu deveria receber o convite, eu estaria preparado o melhor possível para isso. Eu nunca na minha vida havia conversado com o presidente da Confederação²¹, nunca havíamos nos encontrado na vida. E a primeira vez que nos falamos foi ao telefone, para ele me fazer o convite para dirigir a Seleção Brasileira. Essas coisas ainda funcionam assim no futebol brasileiro. São caminhos que a gente acha que não são os mais adequados, mais é assim. E como eu vinha fazendo um bom trabalho no Corinthians, um clube de massa, de muita

repercussão em tudo que acontece. Os dois maiores de repercussão são Flamengo²² e Corinthians. Um tem 40 milhões de torcedores o outro 35 milhões de torcedores, isso é maior que a população de muitos países. Então tudo o que você faz nesses clubes ou de um lado ou de outro, tem uma repercussão imensa. E nesse momento, que terminou um trabalho pós Copa²³ África do Sul, eu estava entre os técnicos que poderiam ser convidados e fui. O primeiro técnico a ser convidado foi o Muricy Ramalho que estava no Fluminense²⁴. Houve um desencontro entre as partes, eu recebi esse telefonema e aceitei, porque da mesma maneira que pensava sobre as questões lá atrás, de sempre encarar os novos desafios, as oportunidades que aparecem, essa era a maior oportunidade que um técnico pode ter e eu entendi que absolutamente não tinha nem como dizer não, eu deveria dizer sim e fui lá.

C.M – E como foi a participação nos Jogos Olímpicos de Londres²⁵?

M.M – A participação do futebol nos Jogos Olímpicos é bem diferente das outras modalidades, ou a maioria das outras modalidades, porque o futebol pelo status que adquiriu, pela maneira que é conduzido nacionalmente e internacionalmente, pela grandeza do país, pelas dificuldades de calendário que temos, vive uma situação muito peculiar. Você não consegue fazer no Brasil, um projeto Olímpico para o futebol, porque é impossível realizá-lo. A maioria dos jogadores que você convoca hoje, que são de idade sub-23, todos são titulares dos grandes clubes do País e de fora do País. Então você não consegue criar datas para fazer convocações para esses jogadores de forma diferente da seleção principal. Porque para a Seleção principal, em função das dificuldades do calendário que temos, já há uma gritaria geral quando você convoca jogadores em momentos em que os clubes estão jogando jogos importantes. É importante ressaltar isso, o Brasil é um dos poucos países do mundo, se não é o único, em que as competições nacionais não são paralisadas quando existem as datas FIFA²⁶. Então isso cria para o treinador uma dificuldade terrível. Imagina você estar com seu clube, é treinador, vai jogar

²¹ Confederação Brasileira de Futebol.

²² Clube de Regatas do Flamengo.

²³ Copa do Mundo de Futebol (de Homens), realizada em 2010.

²⁴ Fluminense Football Club.

²⁵ Jogos Olímpicos de Verão de 2012.

²⁶ Fédération Internationale de Football Association. Datas FIFA são datas dessa federação de jogos oficiais e amistosos internacionais para as seleções.

um jogo importante daqui a duas semanas, chega o técnico da Seleção e convoca o seu principal jogador, seus dois principais jogadores, e leva embora na hora da decisão. Isso cria uma antipatia, um desgaste terrível para a seleção principal. Imagina se você ainda vai fazer isso para a Seleção Olímpica de forma separada. Então não se consegue fazer um projeto como deve ser feito. Eu pensei esse projeto da seguinte maneira: “Vamos, desde a primeira convocação da Seleção principal, fazer um percentual de jogadores com idade Olímpica para convocação”, foi o que a gente fez. Então nós sempre tínhamos 15 ou 20%, às vezes um pouquinho menos, de atletas em idade Olímpica, junto com a seleção principal, para conhecê-los, para saber o que pensam, para saber como reagem que é assim que você conhece um atleta de futebol. Parte técnica, parte tática, isso você pode ver no jogo do seu clube, mas conhecer as reações, saber como ele se comporta, o que pensa é só na convivência do dia-a-dia. Então fomos fazendo isso de forma paralela. Conseguimos montar uma Seleção Olímpica de muito boa qualidade, que certamente nos colocaria como um candidato à conquista da tão sonhada medalha de ouro que o Brasil ainda não tem no futebol. E chegamos bem pertinho, chegamos ao jogo final, mas infelizmente enfrentamos a Seleção que fez a melhor preparação de todas as Seleções que era o México, porque eles conseguiram fazer esse projeto separado de todas as etapas de formação de uma Seleção. Levou essa Seleção para jogar a Copa América, porque para eles a Copa América não significava absolutamente nada, eles são convidados para jogar, e foi dando uma rodagem, em número de jogos, número de acontecimentos que foi enriquecendo e foi dando a preparação ideal. Chegamos à final contra eles e também não fizemos uma grande final, é importante ressaltar, mas o trabalho que foi feito dentro daquilo que poderia se fazer. Casualmente, ou coincidentemente nossa Seleção Olímpica era composta por muitos jogadores já da equipe principal, da seleção principal, porque a renovação que foi necessária de ser feita na Seleção principal levou a gente para esse caminho, colocar muitos jogadores jovens para preparar uma nova Seleção Brasileira, como um todo. Então muitos dos jogadores que estavam ali também coincidentemente, eram jogadores da seleção principal.

C.M. – Nessa experiência nos Jogos Olímpicos, tem alguma coisa que você gostaria de destacar, a convivência entre as equipes ou da forma que vocês foram recebidos?

M.M. – Nós fomos recebidos muito bem. A estrutura da Olimpíada, como um todo, para o futebol, foi muito bem executada. Tem um porém, no futebol, que o futebol não é jogado só na cidade da Olimpíada. O futebol não foi só jogado em Londres, ele foi jogado em várias cidades do País e isso tira um pouco a oportunidade do futebol conviver com a Olimpíada. A essência da Olimpíada é na cidade olímpica, numa convivência com os principais atletas do mundo, porque você se hospeda em um apartamento e do lado está o Bolt²⁷, ou está o pessoal do basquete dos Estados Unidos que são os grandes atletas do mundo, da ginástica, todos caminhando no mesmo lugar e você se encontra, você conversa com as pessoas. No futebol não tem essa oportunidade. Só tem essa oportunidade no jogo final, então você fica um pouco fora desse convívio, você perde um pouco disso que seria talvez, algo muito gratificante para os jogadores de futebol, eu diria uma experiência que para nós teria um valor muito grande. Em outros momentos, o Brasil ficou na Vila Olímpica, mas a experiência não foi boa. Então a gente trouxe as informações de outros momentos, e no caso não ficamos nem na final. Mas a Olimpíada como um todo é uma oportunidade de conviver em um evento dessa grandeza e da maneira como foi organizado, engrandece muito a trajetória do profissional, seja ele jogador de futebol, seja ele técnico.

C.M. – E qual foi a repercussão dos Jogos Olímpicos na sua carreira? Você viu alguma repercussão?

M.M. – No futebol brasileiro, só tem duas conversas: quando você ganha é uma, e quando você perde é outra. Então o fato de termos ganho a medalha de prata foi desconsiderado, nós perdemos a de ouro, isso é o que fica no futebol, porque é assim entre os clubes, a nossa cultura é assim. Então imagina na Seleção Brasileira que é tão vitoriosa, que é a mais vitoriosa de todos os tempos. É a terceira medalha de prata que a gente tem a partir de agora, já tínhamos duas anteriores, mas elas nunca foram consideradas, ou nunca foram valorizadas. Quando saímos depois para jogar com a Seleção principal, nós chegamos em um outro país, imediatamente após a Olimpíada e fomos jogar na Suécia, e algumas pessoas chegaram no hotel e parabenizaram pela medalha de prata, mas isso é só na Suécia.

²⁷ Usain Bolt, atleta da Jamaica, recordista em provas de atletismo.

C.M. – Essa sua participação na Seleção e nos jogos, você vê alguma repercussão aqui no Estado, depois desta exposição maior, nacional, você começou a ser mais reconhecido aqui?

M.M. – O reconhecimento do brasileiro de um modo geral, para comigo, é bastante grande e bastante respeitoso. Existe uma diferença da noção que se tem do que é a mídia hoje em dia e daquelas pessoas “educadíssimas” que escrevem em baixo dos comentários da mídia que são poucas, que são um grupo relativamente pequeno, comparado ao que é o povo brasileiro. O povo brasileiro é educado, simpático, respeitoso de um modo geral. Então é isso que vale, quando você encontra as pessoas de verdade na rua, quando você vai ao aeroporto e encontra as pessoas, elas te tratam bem. Quando você vai aos lugares onde encontra as pessoas normais e eu sempre fui muito considerado por isso. No Rio Grande do Sul muito mais, por ter passado pelo Grêmio durante três anos, então tem uma metade que me olha com muita consideração por aquilo que fiz, e não posso reclamar da outra metade que também me vê com muito respeito da mesma maneira como eu sempre tive para com eles.

C.M. – Até por você vir de uma cidade pequena, na sua cidade natal, eles tem esse reconhecimento?

M.M. – Ah, *muito*. Onde eu nasci que é Passo do Sobrado, que na época pertencia a Rio Pardo, as pessoas se conhecem todas pelo nome. Todo mundo sabe quem é quem, sabe com quem cresceu, quem é filho de quem, quem é irmão de quem, porque faz parte da característica de cidades menores. Quando eu nasci era uma vila, imagina! Então é lógico que isso ainda é mais motivo também de orgulho para eles. Um filho deles ter saído dali e ter chegado tão longe como já cheguei na minha carreira e sabem que isso é para poucos. Nossa carreira, nossa função, nosso cargo é muito seletivo. Então, só chegam lá no final poucos profissionais e eu estou entre eles. Logicamente isso é motivo de orgulho para todos.

C.M. – Você quer acrescentar mais alguma coisa, contar alguma coisa que na sua carreira foi importante?

M.M – O que é mais importante, e falo isso para os atletas, é exatamente não perder a essência de tudo. Porque hoje o futebol atingiu uma grandeza tal, que quando você ganha algo, a mídia te transforma quase em um super-herói, como se tu fosses o melhor de todos, como se fosse o único responsável por aquilo e tal. Se não tiver uma linha muito firme, é muito fácil te perder, e tu passas a acreditar nisso, e aí passa a achar que o cargo que ocupa é o que tu é, e na verdade o cargo é passageiro. Como técnico da Seleção dois anos e meio que fui, e daqui a pouco, no dia seguinte, não sou mais técnico da Seleção, é técnico do Grêmio, do Corinthians, do Flamengo. Se não tiver muito claro tudo isso na vida, é muito fácil a gente se perder. Então tem que ter uma linha, você vai perder e vai ganhar, mas vai sempre ter um lugar para o qual vais voltar depois dessas conquistas, que são as pessoas da tua relação, são as pessoas da tua família, são teus amigos, que são poucos. Eles são a essência da tua vida e desses nunca podes esquecer ou desconsiderar. Se fizeres isso, certamente vais te perder nesse emaranhado do cargo que ocupas. A importância dele, as eventuais conquistas e vitórias, e certamente no momento da derrota, que é um momento difícil, não vais ter chão, e vais te perder. Isso eu acho muito importante.

C.M. – Em nome do Centro de Memória agradeço seu depoimento. Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]